

POR UM MODELO
DE EMISSORA
EDUCATIVA:
REFLEXÕES SOBRE
A QUALIDADE
DA TV USP

[ARTIGO]

Valquíria Aparecida Passos Kneipp
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este estudo buscou investigar a trajetória da TV USP, uma central de produção televisiva que funcionou durante dezoito anos nas dependências da Universidade de São Paulo e exibiu a sua produção por meio do Canal Universitário de São Paulo em consórcio com outras oito universidades da cidade. Buscou-se entender como a TV USP concebeu e incorporou a questão da qualidade na TV, com base nas propostas de Mulgan. A metodologia contou com entrevistas, pesquisa bibliográfica e análise de programas. Mesmo não se configurando como uma concessão de TV, a emissora desenvolveu uma produção de qualidade, com uma proposta diferente da televisão comercial, podendo se configurar como uma emissora educativa.

Palavras-chave: Trajetória. TV USP. Qualidade. TV Educativa.

This study aimed to investigate the history of TV USP—a television broadcasting center—which ran for eighteen years in the facilities of the University of São Paulo, having broadcast their production through the Canal Universitário de São Paulo in partnership with eight other city universities. This study sought to understand how TV USP conceived and incorporated the matter of quality on TV, grounded on proposals by Mulgan. The methodology included interviews, search in the literature, and program analysis. Although not considered an official TV channel, the broadcast delivered quality products and a different proposal of commercial television, which can be characterized as an educational TV broadcast.

Keywords: Path. TV USP. Quality. Educational TV.

Este estudio tuvo como objetivo investigar la trayectoria de la TV USP, un centro de producción de televisión que se desarrolló durante dieciocho años en las instalaciones de la Universidad de São Paulo, y que exhibió su producción por medio del Canal Universitario de São Paulo en asociación con otras ocho universidades de la ciudad. Se busca comprender cómo la TV USP concibió e incorporó el tema de la calidad en la TV, sobre la base de las propuestas de Mulgan. La metodología consistió en entrevistas, búsqueda bibliográfica y análisis de los programas. A pesar de no haberse perfilado como una concesión de la TV, la estación presentó una producción de calidad, con una propuesta diferente de la televisión comercial, y que puede configurarse como una estación educativa.

Palabras clave: Trayectoria. TV USP. Calidad. TV Educativa.

Introdução

O estudo da televisão no Brasil compreende um amplo universo de pesquisas que vai desde a sua história, trajetória, memória e análise de conteúdo e do discurso, até os gêneros, formatos e crítica. Em uma breve busca pela temática da televisão foi possível elencar uma série de pesquisas que colocam o assunto como foco em diversas direções.

Freire Filho e Borges (2011) organizaram uma publicação sobre televisão, promovendo um diálogo entre Brasil e Portugal, abordando temas como história, ficção seriada, telejornalismo, *reality shows*, digitalização e programação, com análises e estudos de recepção e de casos. Carenzio (2008) ao analisar a qualidade da televisão italiana, tomando como base a programação infantil, conclui, entre outros pontos, que a qualidade deve envolver destinatário, fala de modo claro e direto, adaptação aos ritmos do público, abordagem sobre a realidade, diálogo com os jovens, utilização da curiosidade das crianças e promoção da autonomia crítica como antídoto contra a acomodação. Squirra e Fachine (2009) em uma coletânea organizada pela Compós apresentam um panorama com perspectivas e tendências para a TV Digital no Brasil, com estudos sobre a interatividade da TV, de linguagem e fruição, e, ainda, uma amostra dos cenários e dos negócios da televisão digital. A interatividade, a convergência e os novos modelos de negócios na era digital também foram as temáticas abordadas por Cannito (2010). Machado (2005) em clássico estudo sobre a televisão apresenta um panorama dos melhores programas da televisão mundial, discute a questão dos

gêneros no telejornalismo e lista uma série de programas exemplares no mundo todo.

Diante desse breve cenário das pesquisas sobre a televisão, para este projeto optou-se por tratar da qualidade da televisão baseado na proposta de Mulgan (1990), em que o autor enumera sete tipos de abordagens quando trata do tema qualidade, sendo elas: qualidade da produção e profissionalismo, qualidade do consumidor e do mercado, estética da televisão, televisão como um ritual e comunhão, televisão e a pessoa, televisão como um ecossistema e, por último, qualidade como diversidade.

Para que este estudo não tome proporções gigantescas, optou-se por selecionar, nesse momento, uma emissora ligada a uma produção desvinculada da agenda comercial, para analisar a qualidade da televisão no Brasil: a TV USP, emissora ligada à Universidade de São Paulo, que é parte integrante da Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade de São Paulo (CCS).

A TV USP, de acordo com o site da emissora, exhibe programas educativos, culturais e jornalísticos do acervo da Rede USP de Televisão (RUTV), que atualmente é composta pela TV USP – São Paulo –, gestora do Canal, e também pela TV USP – Bauru, TV USP – Piracicaba e TV USP – Ribeirão Preto. O espaço traz ainda documentários, séries especiais e outros conteúdos realizados em parceria ou coprodução com Unidades e Órgãos da Universidade de São Paulo. Em uma visita ao site da emissora foi possível verificar que a sua programação não está totalmente ativa e não possui informações atualizadas. Segundo a página, “A programação do site TV USP está sendo atualizada neste momento, por gentileza volte a visitar o canal TVUSP mais

tarde. Obrigado por nos visitar”¹. Existe no site da TV USP uma relação dos colaboradores e dos respectivos programas produzidos por cada um deles. Na TV USP – SP estão listados os programas PGM, Trajetória, Traquitana, Quarto Mundo, Caminhos, Especiais e outros. Nas outras colaboradoras não existem programas listados.

A emissora escolhida como recorte para esta pesquisa é ligada à universidade pública, mas ela não pode ser considerada uma emissora pública porque não dispõe de uma concessão propriamente dita. Até o ano 2015 a TV USP exibiu a sua produção por meio do Canal Universitário de São Paulo². Mesmo não sendo considerada uma emissora pública, ela possui um sistema de concepção e produção de programas educativos e críticos, fato que instigou em investigar: como a TV USP proposta como objeto empírico de estudo desta pesquisa incorpora e concebe a qualidade da televisão?

Antes de uma hipótese propriamente dita é preciso refletir que, de acordo com Minayo (2011), as hipóteses são afirmações provisórias ou uma solução possível a respeito do problema colocado em estudo. Cabe, então, mesmo que de forma preliminar, inferir que a emissora universitária investigada nesta pesquisa não concebe e nem incorpora pressupostos relativos à qualidade da TV. Outra possibilidade é a

afirmação desta hipótese, ou seja, de que a TV USP concebe e incorpora os referidos pressupostos; e há ainda uma terceira hipótese que pode confirmar parcialmente as duas anteriores.

Como objetivo geral buscou-se investigar a aplicabilidade dos sete tipos de abordagens para qualidade da TV propostos por Mulgan (1990), a partir da análise do conteúdo produzido pela emissora: analisar a qualidade da produção e profissionalismo presente na emissora; observar a qualidade do consumidor e do mercado; caracterizar a estética da televisão, a televisão como um ritual e comunhão, a televisão e a pessoa e a televisão como um ecossistema; e constatar a qualidade como diversidade.

Os motivos que podem corroborar com a realização desta pesquisa surgem da busca de contribuições conceituais e teóricas sobre a aplicabilidade da qualidade nas emissoras universitárias, visto que o tema é pouco debatido no meio acadêmico brasileiro. Numa rápida pesquisa no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) foi possível observar que existe apenas uma dissertação de mestrado, de 2012, que avalia a qualidade de serviços de emissoras de televisão segundo a percepção dos anunciantes. Já no banco de dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) foram encontradas dez dissertações de mestrado que versam sobre a qualidade de programas, a qualidade do telejornalismo e a estatística de transmissão e apenas uma tese de doutorado sobre a qualidade da TV Escola no Brasil.

A emissora objeto deste estudo foi escolhida por apresentar uma oportunidade

1 TV USP, 2013. Disponível em: <http://iptv.usp.br/portal/channel.action?idItem=19>. Acesso em: 13 set. 2015.

2 Inaugurado em novembro de 1997, o Canal Universitário de São Paulo (CNU) é um condomínio que reúne cinco universidades paulistanas. Por meio dele, é veiculada a programação das respectivas TVs universitárias associadas. São elas: TV Mackenzie, TV PUC, TV Unip, TV São Judas e TV Inatel.

de acesso às informações, à observação e a entrevistas, com os principais responsáveis por ela. A metodologia contou com pesquisa bibliográfica, observação não participante e entrevistas em profundidade, caracterizando-se, dessa forma, em um estudo de caso.

O estudo de caso, segundo Yin (2001, p. 19), representa “a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo ‘como’ e ‘por que’ quando o pesquisador tem pouco controle sobre o evento” e também quando o foco trata-se de fenômeno contemporâneo inserido em algum contexto da vida real, como é caso desta pesquisa, que buscou ir a campo para conhecer a realidade de uma emissora pública educativa do Brasil.

A pesquisa bibliográfica, de acordo com Stumpf (2005), como parte de um planejamento global inicial de qualquer trabalho acadêmico, compreende a identificação, a localização e a obtenção da bibliografia, “é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento” (Ibidem, p. 51).

A observação não participante “consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2005, p. 51). No caso desta pesquisa foram períodos em que a pesquisadora visitou a emissora estudada e buscou informações sobre ela.

A entrevista em profundidade como uma técnica clássica para a obtenção de informação “é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher

respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2005, p. 62). Ela foi utilizada, de acordo com Duarte (2005), para a pesquisa de cunho qualitativo, por meio de questões semiestruturadas, e entrevista semiaberta, com um roteiro para abordagem em profundidade, que propiciou respostas indeterminadas. Antes da pesquisa propriamente dita é importante conhecer um pouco o objeto empírico desta pesquisa – a TV USP.

Um pouco da trajetória da TV USP

Inicialmente é preciso explicar que a TV USP, em sua concepção inicial, não se trata de uma concessão pública de televisão, e sim de uma participante dentro de um Canal de Acesso Público, que começou dividido entre universidades da cidade de São Paulo e Grande São Paulo, em *pool*, com programação rotativa, denominado Canal Universitário de São Paulo³.

De acordo com Adoryan (2004), o Canal Universitário de São Paulo (CNU), do qual a TV USP fez parte até meados de

³ O Canal Universitário foi criado de acordo com a lei n.º 8.977/95, como canal básico de utilização gratuita que veicula programação das universidades sediadas na cidade de São Paulo. Dessa forma, é um meio técnico de difusão de sons e imagens de cinco televisões diferentes, com filosofia, ideias, produtos e projetos próprios. Ainda assim, as universidades associadas trabalham numa perspectiva de integração, buscando coproduções e atividades comuns que contribuam para o fortalecimento dos laços de amizade e de solidariedade que as unem.

2015, começou a ser gestado em 1996 com o I Encontro dos Canais de Acesso Público do Estado de São Paulo, onde se discutiu a organização das formas de participação das entidades interessadas em compor os canais básicos de utilização gratuita, criados pela Lei do Cabo, que regulamentou o funcionamento das TVs a cabo no Brasil. Somente em julho de 1997 o CNU foi criado, com dez universidades da cidade de São Paulo. Efetivamente a programação da TV USP só entrou no ar a partir de 10 de novembro de 1997. A saída da TV USP do Canal Universitário se efetivou em 2015. Foram 18 anos de participação. De acordo com o Coordenador de Comunicação Social da USP, Eugênio Bucci, a saída se deu devido a uma reestruturação que toda a comunicação da universidade passou:

Porque a televisão dentro do Canal Universitário, ela não é uma televisão com uma identidade forte, mas é preciso deixar claro que a TV USP fez um trabalho magnífico desde que foi criada com a presença no Canal Universitário, preparar o conteúdo que aquela equipe conseguiu fazer é notável, a gente tem um acervo espetacular⁴.

Já o professor Luiz Fernando Santoro, que fez parte de uma comissão que avaliou os meios de Comunicação Social da USP, revela que apesar de haver mão de obra capaz e bem remunerada nos quadros da TV USP havia um descompasso. “Não tinha um projeto consistente sintonizado com a universidade, sintonizado com o que a universidade queria. Porque a universidade

nunca pensou nisso”⁵. Para ele a falta de pesquisa também contribui para o fim da TV USP. “É um atraso generalizado na reflexão sobre rádio e TV Universitária, sobre o que deve ser, e o que não deve ser. Eu acho que o fato da gente nunca ter feito coisas muito significativas, principalmente na televisão, no rádio eu acho que fez isso”⁶. Outras hipóteses podem corroborar com o fim da TV USP, pelo menos da maneira como existiu (em pool com outras universidades). A primeira hipótese é que com o processo de midiatização, apontado por Hjarvard (2012, 2014), a sociedade contemporânea mudou sua forma de comunicação e com isso a universidade precisa entrar em sintonia com esse processo em curso, por meio de variadas formas de dialogar com o público (redes sociais digitais, por exemplo). De acordo com o autor, a midiatização pode ser: “um processo de dupla face no qual a mídia se transformou em uma instituição semi-independente na sociedade à qual outras instituições têm que se adaptar” (HJARVARD, 2012, p. 53). E no caso específico da TV USP, seria necessária uma mudança na forma de exibir sua produção e se comunicar com a sociedade, além das transmissões em horários rotativos, dividindo espaço com outras universidades. Como isso não foi possível, devido à escassez de recursos, que as universidades públicas no Brasil vêm enfrentando ao longo dos anos, esse pode ser um dos elementos que levaram a TV USP a finalizar as suas atividades, nesse contexto em que estava presente. No atual cenário de midiatização apontado por Hjarvard (2012), as instituições alteraram os seus funcionamentos e também

⁴ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 2 de abril de 2016.

⁵ Entrevista concedida à pesquisadora no dia 2 de abril de 2016.

⁶ Idem.

as relações mútuas. Esse conceito pode ser aplicado em vários setores da sociedade contemporânea, como na política, na ciência, na religião, entre outras, porque a:

midiatização é utilizada como conceito central em uma teoria sobre a importância intensificada e mutante da mídia dentro da cultura e da sociedade. Por midiatização da sociedade, entendemos o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica (HJARVARD, 2012, p. 64).

Uma segunda hipótese é que o processo de midiatização da sociedade contemporânea trouxe outras formas de comunicação em diversas plataformas, o que foi caracterizado por Jenkins (2009) como convergência midiática. O autor apresenta sua ideia de convergência não só como um processo tecnológico, que une múltiplas funções dentro de aparelhos, “em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural a medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídias dispersos” (Ibidem, p. 30). Diante desse cenário conceitual, teórico e tecnológico, uma televisão nos moldes em que a TV USP existiu, como exemplo em termos de produção, precisaria ser repensada e rearticulada para poder fazer frente às demandas da sociedade contemporânea.

A TV USP, em seu projeto inicial, elaborado pelos professores Marília Franco, que na época era professora do Departamento de Cinema, Rádio e TV da ECA/USP (CTR) e coordenadora acadêmica do Projeto Univídeo, na Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária

de Atividades Especiais (Cecae), Ângelo Piovesan Netto, professor do CTR, e Domingos Luiz Bargman, coordenador técnico do Laboratório VIDEOFAU da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU), apresenta na introdução, o contexto da sociedade: “‘fim-de-século’, globalizada, vem sofrendo profundas modificações no armazenamento e na transmissão do conhecimento a partir do uso, cada vez mais democrático, das novas tecnologias de comunicação como: cinema, TV, vídeo, computadores” (FRANCO; PIOVESAN NETTO; BARGMAN, 1997, p. 2), e aponta a contribuição que as tecnologias poderão edificar para que o conhecimento seja usufruído e aproxime-se de uma “Videoteca de Alexandria”, numa alusão à maior biblioteca do mundo, só que em termos de vídeos. “Com a digitalização acelerada de grandes acervos culturais e sua disponibilização nas infovias, sob os formatos mais variados, percebemos que a palavra escrita tem reduzido seu papel como forma privilegiada de registro e transmissão do conhecimento” (Ibidem). O projeto ressalta o espaço que as linguagens audiovisuais vêm ganhando, como suporte de documentos, e que “expressão audiovisual” começa a ser incluída nas atividades de formação das novas gerações. O desafio proposto pelo referido projeto é apresentar uma programação que informe o público o que se faz dentro da USP, o que representa “a oportunidade única de acelerarmos nossas formas de comunicação na direção dos formatos do futuro” (Ibidem).

Dois questionamentos fundamentais que revelam a constituição conceitual do projeto são apresentados, com algumas possíveis respostas para eles. O primeiro diz respeito a “que imagem da USP queremos transmitir?” (Ibidem). Como resposta

há alguns termos-chave como pluralismo, excelência, interatividade, valorização da construção do conhecimento. Menciona-se também a formação cultural das novas gerações e resposta ao investimento da sociedade. De acordo com os autores do projeto, “cada um desses termos guarda em si enormes desafios de fazê-los refletir na dinâmica audiovisual de cada programa, na coerência conceitual da grade de programação, na qualidade técnica e estética do que emanar dessa janela aberta para a sociedade” (Ibidem). O segundo questionamento reflete sobre “que compromisso de diálogo assumiremos com os espectadores?” (Ibidem). A resposta revela o diferencial que TV USP se propunha a fazer.

No nosso caso essa questão assume dimensões muito especiais, considerando o compromisso da universidade pública com a construção e transmissão do conhecimento na sua dimensão de excelência e utilidade. Nossos mecanismos de “*feed-back*” terão que ser construídos segundo nossa finalidade social mais elevada e não a partir de desejos e modismos mensuráveis por métodos de Ibope (Ibidem).

As duas direções conceituais apontadas no projeto definem o papel que a TV USP pretendeu desempenhar diante da sociedade:

não como uma vitrine de exibição das qualidades acadêmicas, mas, sobretudo, como a possibilidade de resgate da solidariedade, do respeito e do desenvolvimento mútuo em que devem se pautar as relações entre produtores do saber e a sociedade que os inspira e financia (Ibidem).

Para que esses conceitos pudessem se consolidar nas ações práticas e de produção dos programas foram elencados três princípios para nortear o tratamento dos projetos de programação e da avaliação da qualidade dos produtos. O primeiro diz respeito à linguagem da TV, que “terá primazia sobre qualquer outro formato” (Ibidem). O segundo revela a preocupação com a informação que abranja uma diversidade de públicos porque “será transmitida a leigos e iniciados” (Ibidem). O último propõe uma espécie de polifonia acadêmica, com espaço e voz para todos os acadêmicos, pois “deverá transmitir a voz de todos os segmentos acadêmicos” (Ibidem).

Para garantir a produção de uma programação pelos conceitos e princípios anteriores, o projeto da TV USP propõe um corpo diretivo e produtor com dinâmica e coerência próprias por meio de um organograma que garanta, “ao mesmo tempo, a construção da melhor imagem da Universidade, com liberdade e a agilidade indispensáveis à produção audiovisual” (Ibidem).

O organograma inicial estava dividido em dois setores: um Conselho Principal e um Comitê Executivo, sendo que o Conselho Principal deveria ser composto pelas Pró-Reitorias da USP, pela Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade e pela Escola de Comunicações e Artes. “Este conselho deverá cuidar da implantação da TV USP fixando e consagrando os conceitos, os princípios e as políticas internas e externas que viabilizem as transmissões da programação” (Ibidem). Com o tempo, a proposta inicial era que esse comitê, após a implantação, fosse substituído por um Conselho Editorial.

O Comitê Executivo, com a função de propor, produzir e levar ao ar a grade de programação da TV USP, comandaria as atividades do Departamento de Produção⁷, do Setor de Pós-Produção⁸, do Departamento Técnico⁹, do Departamento de Administração¹⁰, do Departamento de *Feed-back*¹¹ e do Departamento de Documentação¹².

A grade de programação inicialmente se comprometeu em produzir uma hora semanal de programação inédita, com dois programas de trinta minutos, para os primeiros três meses de programação. Havia também a preocupação em manter no mínimo um mês de programação pronta antes da data de entrada do canal no ar. “Dado o ineditismo da iniciativa, dentro dos padrões produtivos da USP, estamos já bastante atrasados na implantação do Projeto e mais ainda em relação ao início da produção específica” (Ibidem, p. 4).

7 “Encarregado de criar produzir e finalizar programas especiais sobre temas abrangentes pautados pelo Conselho Editorial e/ou pelo Comitê Executivo”. Ibidem, p. 2.

8 “A sugestão é que o Setor de Pós-Produção tenha dimensões maiores para viabilizar a finalização de projetos cuja captação seja feita pelas Unidades da USP que tenham condições de realizar essa atividade. Ibidem.

9 “Encarregado do planejamento, instalação, manutenção e expansão do parque técnico da TV USP”. Ibidem, p. 3.

10 “De dimensões bem reduzidas, esta área teria a função de garantir as atividades de secretaria e contabilidade da TV USP”. Ibidem.

11 “Nome provisório para o grupo que deverá desenvolver as atividades que garantam a interatividade da TV USP com seu público.” Ibidem.

12 “Tem como função criar, organizar e manter em arquivos de fácil disponibilização toda a programação emitida pelo canal e/ou quaisquer outros tipos de materiais para consulta e produção de programas”. Ibidem.

Outra preocupação dos autores do projeto foi a necessidade urgente de definir a programação visual da TV USP, com logotipo, vinhetas, aberturas e *inserts*;

pois ela será o rosto, a fachada da TV e sua criação deverá ser feita inspirada nos conceitos e princípios definidos. A execução desses produtos envolve a criação dos projetos gráficos para aprovação e depois sua produção em formato audiovisual, o que demanda um tempo e um custo razoáveis, bem como o envolvimento de tecnologia e profissionais altamente especializados (Ibidem, p. 4).

Os recursos técnicos foram outro desafio revelado pelo projeto da TV USP, porque a universidade não possuía em nenhuma unidade ou setor os equipamentos de melhor padrão de qualidade para a emissão “broadcast” de televisão. Além disso, outra preocupação revelada era quanto às condições de pós-produção: “também não possuímos equipamentos profissionais satisfatórios nem em tecnologia linear – ilhas de edição BETACAM, com efeitos e geradores de caracteres, nem tecnologia digital – não linear” (Ibidem, p. 5). Para resolver esse impasse, foi feito um levantamento das unidades que dispunham de alguns equipamentos, mesmo que inferiores aos necessários, para que o canal iniciasse as atividades e aguardasse a compra, instalação e manutenção de um modelo tecnológico profissional.

Os recursos humanos foram improvisados, com técnicos de nível universitário disponíveis nas unidades da universidade; desde que houvesse algum treinamento e orientação, poderiam integrar equipes de produção para a TV USP. Além disso,

foi definida a contratação de dois técnicos especializados para as atividades de produção de TV. Existiu também a recomendação para o engajamento dos alunos de graduação e pós-graduação nos projetos da TV USP, desde que fossem absorvidos os interesses e especialidades deles, por meio de atividades com características de bolsas e estágios (Ibidem).

Nas considerações finais, os autores reiteram a necessidade de urgência e agilidade para viabilizar o projeto e realçam que “uma sólida vontade política de criar o melhor e mais adequado modelo de TV que reflita nossa melhor imagem sem espelhar todas as dificuldades que representam sua criação” (Ibidem, p. 6).

Em 1998, a professora Marília Franco, diretora da TV USP, refletiu a respeito dos primeiros tempos da produção de conteúdo, revelando as primeiras impressões do cenário midiático, de “dúvida, descrença, perplexidade, desconfiança... mas também claro, algum entusiasmo” (FRANCO, 1998, p. 118). A professora também elencou uma série de argumentos positivos e negativos. Entre os negativos está a relação custo benefício, pois a universidade pública já sofre com a falta de recursos e o custeio de uma produção de conteúdo televisivo é caro. Mas ela apresenta uma alternativa: “em crise estamos sempre, portanto não dá para superar a crise para depois inovar” (Ibidem, p. 119). Entre os pontos positivos, Franco (1998) destaca a segmentação dos canais e que, nesse caso, “a avaliação da relação custo benefício precisa ser calculada com outros parâmetros” (Ibidem). Em 2004, o diretor da TV USP, Pedro Ortiz, apresenta as perspectivas e os desafios de uma TV universitária. Com um inventário de toda a produção, ele revela que no ano de 2002 foram produzidos 199 programas

inéditos e foram exibidas outras 118 reprises. Ortiz (2004) apresenta também um resumo das ações em parcerias com os *campi* do interior na concretização do projeto Rede USP de TV. Por fim, o diretor relata o processo de consolidação da TV USP: “nestes últimos anos regularizamos algumas das nossas produções, dando-lhes periodicidade e investimos no aprimoramento dos programas, com pautas mais amplas, variados enfoques temáticos e compromisso jornalístico com a boa informação” (ORTIZ, 2004, p. 139).

O que pode ser a qualidade na TV USP?

Muitos pesquisadores tentaram definir o significado de qualidade na televisão e o que seria necessário para um programa ser considerado de qualidade. De fato, qualidade é um conceito amplo e subjetivo, que depende de parâmetros técnicos, de bom texto, de escutar as demandas da audiência e de muitos outros requisitos. Um conceito fechado para a qualidade revela-se uma utopia, porque à medida que o tempo passa, e a televisão e a sociedade mudam, novos desafios surgem, e precisam ser revistos e atualizados constantemente.

A discussão sobre qualidade na televisão surgiu a partir do livro *M.T.M.: quality television*, de 1984. Publicado pelo renomado Instituto Britânico de Filme (BFI), os autores tentam definir o que faz os programas da M.T.M.¹³ serem tão atrativos para a audiên-

13 Sigla da produtora de TV de Mary Tyler Moore

cia e tão aclamados pela crítica. Feuer (1984) aposta em personagens complexos, diálogos sofisticados e identificação com a audiência como fatores que transformam uma comédia de personagens em uma comédia de qualidade.

Os critérios de qualidade de um programa são geralmente associados a sua capacidade ética, de gerar confiança e respeito aos telespectadores. Desse modo, uma TV de qualidade deveria se preocupar com a veiculação de programas violentos, imorais, sexistas, racistas, entre outros, que possam ferir de alguma maneira a dignidade humana. Essa discussão passa pelo caráter moral e estético, levando em consideração diversos padrões de qualidade que ainda não são unânimes entre os pesquisadores.

Entretanto, nem todo intelectual da comunicação acredita em qualidade na TV. Por ser um produto para a massa, a maioria dos pesquisadores conservadores são céticos sobre um nível estético na televisão, em que tudo é produzido em escala industrial. Em um de seus artigos sobre a televisão, o autor Nelson Rodrigues defende seu ponto de vista de que a televisão tem que se adequar às massas e não o contrário. “A TV tem que ser feita para as massas e as massas são burras e têm mau gosto e não tem nada a ver com a grande arte, com a grande música, com a grande pintura” (apud Freire Filho, 2001, p. 77). Por outro lado, Machado (2000) argumenta que a demanda comercial e o contexto industrial não impedem a televisão de criar produtos artísticos e se preocupar com os elementos estéticos, e essa preocupação é um dos elementos que fazem a televisão de qualidade.

Nesse contexto, Machado (2000) relembra que a diversidade também é um fator importante para a qualidade. O autor acrescenta que “a melhor televisão seria aquela que abrisse oportunidades para o mais amplo leque de experiências diversificadas” (Ibidem, p. 25), assim como o Channel Four, no Reino Unido, criado para promover a diversidade e a expressão de uma sociedade plural e multicultural.

O Channel Four na Inglaterra é um exemplo de qualidade na televisão, pois se propõe a investir em produtores independentes, inovando na forma e no conteúdo de seus programas. Se levarmos em consideração a “Qualidade em TV” no sentido inicial da M.T.M., observaremos “a contínua negociação da tensão entre o econômico e o estético, entre a produção textual e a produção de mercadoria” (Freire Filho apud BORGES; REIA-BAPTISTA, 2008, p. 79). Essa negociação faz com que o produto televisivo seja ao mesmo tempo atrativo para o público e para a publicidade. Pensando dessa maneira, Borges (2008) explica que o modelo do Channel Four originou o processo de convergência entre a TV de qualidade e o Cinema Arte.

Mas nem tudo está relacionado aos programas. Em alguns casos a audiência também é responsável por uma televisão de qualidade. Fontcuberta (2008) defende que a audiência deve possuir “Competência Midiática”, ou seja, “conhecer, entender e analisar novas linguagens, códigos, tecnologias da informação e comunicação; conhecer o processo de produção de conteúdo, analisá-los criticamente e em determinado contexto” (FONTCUBERTA, 2008, p. 195). Dessa forma, o público discutirá criticamente o que há de certo e errado e o que pode ser

diferente, e assim poderá opinar de maneira embasada e concreta. Fontcuberta (2008) defende ainda que a audiência com competência midiática “se aproxima dos meios com a exigência de encontrar não apenas informação, mas também significados” (FONTCUBERTA, 2008, p. 195).

Mas a questão é que essa tão sonhada audiência de qualidade é formada pela massa, pessoas pobres e ricas, sendo, dessa forma, impossível garantir um nível tão alto de conhecimento e engajamento de todos eles. Em relação à audiência do Brasil, Freire Filho (2001) relata que “dos cerca de 2 milhões de telespectadores ‘colados’ diariamente aos 600 mil aparelhos ligados no Rio de Janeiro em 1968, 1 milhão e 400 mil eram pobres ou muito pobres – favelados” (FREIRE FILHO, 2001, p. 2).

Enquanto isso, na Grã-Bretanha, conhecida por ter a melhor TV do mundo, o público paga uma taxa de licença para assistir televisão, e talvez esta seja a razão pela qual a audiência britânica seja tão preocupada com a qualidade de sua televisão. Se o sistema televisivo é mantido com o dinheiro da audiência, ela é mais que bem-vinda e legitimada a dizer o que tem ou não qualidade e exigir dos meios de comunicação o que eles desejam assistir quando estão diante da TV.

A preocupação com as necessidades da audiência e a capacidade de transformar as demandas da sociedade em produtos também é uma característica de qualidade na televisão. Freire Filho pontua que “TV de qualidade é aquela que desempenha, com humildade, a função de mediar a ‘alta cultura’ para as massas” (FREIRE FILHO, 2004, p. 107).

E foi exatamente para oferecer a melhor programação aos telespectadores que a Televisão Britânica foi criada sob os princípios básicos de educação, entretenimento e informação. Segundo Borges (2008, p. 8), a qualidade na televisão “deve ser analisada a partir da conceituação de seu papel, suas propostas culturais e sociais e os valores éticos que deve veicular”.

Geoff Mulgan (1990), define qualidade em TV analisando sete tipos de competências e como elas podem ser empregadas na TV. Dentre elas estão: técnica, estética, demanda da audiência, aspectos pedagógicos e valores morais, poder de gerar mobilização, valorização das diferenças, das minorias e dos excluídos e diversidade de experiências.

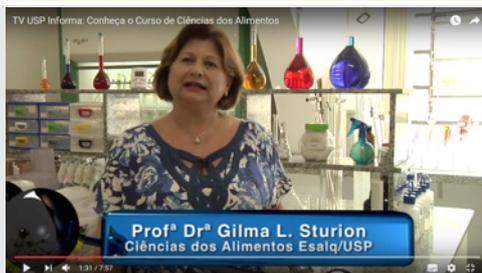
Analisando esses aspectos percebemos que o significado de qualidade em TV é amplo e que alcançar tal padrão de qualidade requer uma mudança comportamental tanto dos meios de comunicação quanto da audiência. Para Machado (2000, p. 25) “uma televisão de qualidade deve ser capaz de equacionar uma variedade muito grande de valores e oferecer propostas que sintetizam o maior número de ‘qualidades’”. Assim, a televisão de qualidade atrairia diversos tipos de público, garantindo uma audiência não só quantitativa, mas acima de tudo qualitativa, que se sentiria representada e respeitada pela programação oferecida.

A qualidade pode ser um conceito puramente técnico no que se refere à qualidade do roteiro, fotografia ou atuação, e pode ir até o conteúdo, valorizando a educação, os valores morais e a construção de

conduta. Por isso, selecionou-se as abordagens de Mulgan (1990) para realizar uma análise de alguns dos programas e cruzar com proposta inicial do projeto da TV USP e tentar inferir a respeito da sua qualidade.

A partir do projeto inicial da TV USP e da sinopse dos sete programas iniciais buscar-se-á investigar se as sete propostas de Mulgan (1990) são observadas neles. Iniciamos com a sinopse dos programas, conforme o Quadro 1:

[QUADRO 1]
Programas e sinopses

Programas	Sinopses	Abertura
1 – Qual é o curso?	Divulga os cursos de graduação oferecidos pela USP, numa linguagem voltada para os estudantes do ensino médio. Enfoca cursos através de depoimentos de alunos de graduação, professores e ex-alunos agora no mercado de trabalho. Mostram-se as instalações do curso, as áreas de vivência e as atividades discentes.	 Fonte: Qual... (2013)
2 – Olhar da USP	Programa jornalístico que aborda os temas mais emergentes e polêmicos da vida nacional e internacional, trazendo matérias produzidas pela equipe da TV USP e comentadas por especialistas convidados, sempre buscando acrescentar informação e oferecer um olhar diferenciado dos enfoques da mídia aberta.	 Fonte: Olhar... (2013)
3 – Especiais TV USP	Produzidos em função de grandes pautas temáticas, eventos especiais ou parcerias procuradas. Como exemplos de programas já produzidos temos a recepção aos calouros de 1998 e 1999, Imigração Japonesa, Memória Viva Guarnieri, Trotski, entre outros.	 Fonte: Programas... (2016)
4 – Trajetória	Um programa sobre a memória viva dos professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo. O programa tem, quinzenalmente, um convidado especial – professor ou professora da USP – que fala sobre sua trajetória acadêmica, sua relação com a universidade, suas pesquisas, suas publicações e suas reflexões sobre temas da atualidade.	 Fonte: Trajetória (2012)

Programas	Sinopses	Abertura
5 - <i>Traquitana</i>	Dedicado à reflexão do mercado audiovisual brasileiro, o programa exibe vídeos e curtas independentes, de várias partes do país, além de entrevistas com pessoas envolvidas no mercado audiovisual - realizadores iniciantes, oficinairos, ofcinados, produtores, gerentes e funcionários.	 Fonte: Traquitana (2010)
6 - <i>Ocam</i>	Numa parceria com a Orquestra de Câmara da Universidade de São Paulo, regida pelo Maestro Gil Jardim, a TV USP acompanhou as apresentações mensais da Orquestra de Câmara da ECA (Ocam) durante o ano de 2003, formatando programas musicais mensais de uma hora de duração.	 Fonte: Ocam (2016)
7 - <i>Minuto USP</i>	“É um boletim exibido nos intervalos da nossa programação para mostrar os acontecimentos da Universidade de São Paulo. Abrangente, o boletim informa sobre exposições, palestras e cursos” (ADORYAN, 2004).	 Fonte: Minuto... (2014)

Para não estender a análise e a aproximação com os conceitos de qualidade da TV, optou-se por analisar cada uma das propostas de Mulgan (1990) em relação às sinopses dos programas do Quadro 1 e de alguns exemplares encontrados no YouTube. Começando pela técnica e de acordo com Mulgan (1990), que leva em consideração a qualidade dos profissionais e das produções, analisando problemas técnicos como luz, som, imagem, roteiro, direção e produção, ou seja, o trabalho dos profissionais e equipamentos envolvidos na produção televisiva, o programa analisado nesse quesito foi o *Traquitana* (4 no Quadro 1), de 2010, que segundo o exemplar tem um tempo total de 30'39",

dividido em quatro partes, sendo a primeira de 7'53", a segunda de 9'13", a terceira com 6'22" e a última de 7'12". A qualidade técnica desse programa em termos de vinheta e conteúdo da imagem deixa um pouco a desejar, porque apresenta uma vinheta de abertura criativa, mas elaborada de forma simples e rudimentar, e o mesmo se repete no gerador de caracteres, o que demonstra que, de acordo com projeto da criação da TV USP, não havia recursos técnicos especializados e profissionais para a realização dessa etapa técnica. O conteúdo sobrepõe essa questão técnica, pois o programa apresenta um curta e um debate com os criadores, sendo mostrada a criação de um cinema na periferia de São Paulo por um

catador de papel. A história é contada com uma visão poética e singular do trabalho do personagem, com texto leve, mesclado por trilhas e pela própria narrativa dele e de especialistas. No segundo momento, é debatida, além do curta exibido, a história do cinema da universidade, e é feito um alerta para o descaso e o risco da deterioração do material, que documenta o início da universidade.

A qualidade estética, para Mulgan (1990), não deve estar ligada a grandes obras literárias e cinematográficas, mas sim utilizar sua natureza instantânea e de entretenimento de uma maneira efetiva. O programa *Ocam* – Orquestra de Câmara da Universidade de São Paulo (6 no Quadro 1) apresenta em tempos variados (o exemplar em análise tem 4'44"), com informações sobre a música clássica e os profissionais e apresentações da orquestra em diversos locais. O programa proporciona conhecimento sobre música, organização e entretenimento, com audições e ensaios da orquestra, promovendo uma experiência diferenciada da televisão comercial brasileira.

A TV de qualidade deve também gerar mobilização, criar comunidades em que se dividam as experiências vividas por meio do programa de TV. Mulgan (1997) se refere à capacidade da televisão de promover interação entre as pessoas, e um exemplo é a abordagem de temas universais, que converse com todos e valorize o telespectador. Uma televisão de qualidade deve valorizar o indivíduo. Uma parte da demanda da audiência é atendida por meio do programa *Qual é o curso?* (1 no Quadro 1), com o tempo do programa de 7'57", em que são apresentados os diversos cursos

oferecidos pela Universidade de São Paulo nos seus diversos *campi*. Com uma abordagem didática, informa sobre a carreira, com depoimentos de professores, estudantes e graduados no curso, e mostra as instalações e laboratórios dos respectivos cursos.

Para Mulgan (1990), a televisão pode ser vista com um ecossistema, uma vez que sua programação pode influenciar a audiência de maneira positiva ou negativa. Ele acredita que uma televisão que não transmite valores morais ruins, hipocrisia e falsidade pode melhorar a sociedade. O programa *Trajetória* (4 no Quadro 1), com um tempo de 55'27", dividido em duas partes, uma com 28'37" e outra com 26'50", apresenta, por meio do quadro de professores e pesquisadores da universidade, a trajetória acadêmica, a relação com a universidade, as pesquisas, as publicações e as reflexões deles sobre temas da atualidade. O programa cobre as diversas áreas do conhecimento, com duas edições mensais, sendo uma a cada 15 dias.

A qualidade de poder de gerar mobilização, proposta por Mulgan (1990) como uma das características da televisão de qualidade, pode ser observada no programa *Especiais TV USP* (3 do Quadro 1). Com 1 hora e 4 minutos, o programa é produzido em função de grandes temas contemporâneos, como o exemplo analisado nesta pesquisa, que trata de personalismo e partidarismo. Aborda também temas que estão no dia a dia da sociedade contemporânea, como as eleições para Legislativo e Executivo no Brasil, a dimensão econômica e a sustentabilidade na agropecuária brasileira, entre outros. O programa busca levar ao espectador temas emergentes na busca de fornecer informações para a compreensão e discussão na sociedade.

A qualidade da TV de Mulgam (1990) que diz respeito às minorias e aos excluídos, numa análise do programa *Olhar da USP* (2 do Quadro 1), com um tempo de 27'26", apresenta-se a partir da proposta de informar a sociedade sobre recursos acadêmicos, laboratoriais e de atendimento à comunidade externa à universidade. Com temas como parto humanizado, entre outros, o programa esclarece e apresenta as possibilidades de atendimento nas unidades da USP. Dessa forma, identifica-se a busca de inclusão do espectador, por meio inicial da informação.

Mulgan (1990) define a qualidade como diversidade da televisão que se preocupa em transmitir programas para as audiências em massa e para as minorias, diversificando temas, gêneros e formatos. No exemplar analisado para este estudo, o programa *Minuto USP* (7 no Quadro 1), com 59", apresenta de forma rápida e sintética uma programação de debates e atividades abertas, com a possibilidade de participação da sociedade dentro da Universidade de São Paulo, como, por exemplo: a difusão do conhecimento gerado na USP, a USP e os meios de comunicação, a inovação científica e a USP como geradora de conhecimento em padrão de excelência. Em um curto tempo, o programa ou interprograma consegue por meio da diversidade de assuntos abrir um grande leque de informações para os mais variados espectadores. A TV USP reflete o padrão que Silva Junior (2013, p. 65) denomina como:

A TV educativa nacional mantém seus padrões históricos no tratamento da programação jornalística, privilegiando o debate, a profundidade de informações e a densidade de tratamento das mesmas. Consequentemente, aproxima seus programas de um perfil de telespectador

de classes superiores e de menor participação no universo televisivo como um todo.

Essas características do espectador podem ter contribuído para o fim da TV USP.

Considerações finais

Por meio desta pesquisa foi possível refletir sobre a proposta calcada em preceitos apontados por Mulgan (1990) a respeito da qualidade da TV, em uma emissora que não chegou a se efetivar como canal de televisão propriamente dito, mas que, mesmo exibindo a sua programação dentro um canal em consórcio, com outras universidades, conseguiu produzir e veicular material de qualidade em quase todos os requisitos apontados pelo autor.

A TV USP conseguiu incorporar, durante os dezoito anos de funcionamento, tanto em seu projeto quanto em sua produção, uma proposta inovadora e os preceitos da qualidade nos programas que concebeu, produziu e veiculou durante esse período. A qualidade técnica dos programas não se revela de forma efetiva, mas consegue a partir do conteúdo provocar o espectador, com informação, curiosidades e apresentação de uma visão científica da academia, de forma simples e de fácil compreensão. Esses conteúdos apresentam uma diversidade de assuntos e possibilidades para mostrar um pouco das possibilidades acadêmicas e das pesquisas da USP. Grande parte dos programas consegue gerar mobilização, tanto na forma quanto no conteúdo, por

meio dos diversos olhares possíveis dentro do universo das áreas do conhecimento sempre incluídas neles. As minorias foram representadas em programas que mesclam o conhecimento científico de especialistas e a participação popular, que pode ser ouvida em pé de igualdade nos primeiros programas. As capacidades de mobilizar e de influenciar o público ficam explícitas em programas especiais, com conteúdo informativo e debates com temas emergentes para a sociedade contemporânea. A qualidade estética consegue de forma rápida e líquida gerar conhecimento e entretenimento ao telespectador, por meio de programas com reflexão crítica sobre a universidade e a sua relação com sociedade.

O fim da TV USP em sinal a cabo, no consócio do Canal Universitário de São Paulo, representa um espaço em branco deixado pela melhor universidade da América Latina. Estima-se que proposta da TV USP via Internet Protocol Television (IPTV) se efetive como continuidade desse trabalho pioneiro de produção de conteúdo de qualidade, por meio de programas educativos, em sintonia com a sociedade midiaticizada (HJARVARD, 2012, 2014) e convergida (JENKINS, 2009), com a criação de redes sociais digitais e com a participação do espectador. A marca que a TV USP deixou ao telespectador paulistano revela uma preocupação com a educação, a crítica e a reflexão de forma aberta com a sociedade.

A identificação da TV USP como uma emissora educativa, em oposição aos padrões comerciais vigentes no país – que massificam uma programação comercial –, pode ter inviabilizado a sua sobrevivência, porque a sua proposta “manifesta-se na produção de programas educacionais

pela adoção de formas racionais e analíticas eficazes do ponto de vista didático, em detrimento da perspectiva de utilizar recursos dramáticos popularizados pelo cinema e pela televisão comercial” (CARNEIRO, 1999, p. 17). ■

[VALQUÍRIA APARECIDA PASSOS KNEIPP]

É graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp) (1990) e tem mestrado (2002) e doutorado (2008) em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Foi editora-assistente da *Revista PJ:BR Jornalismo Brasileiro* de 2005 até 2011 e desde 2009 é professora associada de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Foi diretora científica de Rede Alcar (2007-2011) e coordenadora do GT de Mídias Visual e Audiovisual (2008-2011). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo, atuando como assessora de imprensa e telejornalista. Atuou em campanhas eleitorais e ministra cursos de *media training*. Foi vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da UFRN de 2013 a 2017. Atualmente é coordenadora do PPgEm da UFRN (2017-2019). É vice-coordenadora do grupo de pesquisa Imagem, Mercado e Tecnologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: valquiriakneipp@yahoo.com.br

Referências

ADORYAN, Adriano. **A USP e sua TV**: um projeto de universidade dentro da TV. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BORGES, Gabriela. Parâmetros de qualidade para a análise de programas televisivos de âmbito cultural: uma proposta teórico-metodológica. **Revista do NP em Comunicação Audiovisual da Intercom**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 173-192, jan./jun. 2008.

BORGES, Gabriela; REIA-BAPTISTA, Vítor (org.). **Discursos e práticas de qualidade na televisão**. Lisboa: Horizonte, 2008.

BUCCI, Eugênio. [Entrevista cedida a] Valquíria Aparecida Passos Kneipp. São Paulo, 2 abr. 2016.

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital**: interatividade convergência e novos modelos de negócio. São Paulo: Summus, 2010.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Castelo Rá-Tim-Bum**: o educativo como entretenimento. São Paulo: Annablume, 1999.

CARENZIO, Alessandra. Televisão de qualidade: definição da questão e das boas práticas no âmbito da TV Italiana. In: BORGES, Gabriela.; REIA-BATISTA, Vítor (org.). **Discursos e práticas da qualidade na televisão**. Lisboa: Horizonte, 2008.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ESPECIAIS TV USP. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (64 min). Publicado pelo canal TV USP Piracicaba. Disponível em: <http://bit.ly/2OrEtCU>. Acesso em: 20 ago. 2016.

FONTCUBERTA, Mar de. Uma televisão de qualidade exige um receptor de qualidade. In: BORGES, Gabriela; REIA-BATISTA, Vítor (org.). **Discursos e práticas da qualidade na televisão**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

FRANCO, Marília; PIOVESAN NETTO, Ângelo; BARGMAN, Domingos Luiz. **Projeto TV USP**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 1997.

FRANCO, Marília. Canais universitários de TV a cabo – TV USP. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 12, p. 118-124, ago. 1998.

FREIRE FILHO, João. TV de qualidade: uma contradição em termos? In: Congresso Brasileiro da Comunicação, 24., 2001, Campo Grande. **Anais** [...]. Campo Grande: Intercom, 2001.

FREIRE FILHO, João. Notas históricas sobre o conceito de qualidade na crítica televisual brasileira. *Galáxia*, São Paulo, n. 7, p. 85-110, 2004.

FREIRE FILHO, João; BORGES, Gabriela (org.). **Estudos sobre televisão**: diálogos Brasil-Portugal. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FEUER, Jane *et al.* (ed.). **MTM 'quality television'**. London: British Film Institute, 1984.

HJARVARD, Stig. Mdiatização: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, jan./jun. 2014.

HJARVARD, Stig. Teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

MINUTO USP [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal TV USP. Disponível em: <http://bit.ly/2YzthIa>. Acesso em: 20 ago. 2016.

MULGAN, Geoff (org.). **The question of quality**. London: British Film Institute, 1990.

OCAM. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Canal USP. Disponível em: <http://bit.ly/2YfO9EX>. Acesso em: 20 de ago. 2016.

OLHAR DA USP. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (27 min). Publicado pelo canal Marcos Tadeu Garcia. Disponível em: <http://bit.ly/2SP0zxN>. Acesso em: 20 ago. 2016.

ORTIZ, Pedro. **TV USP**: perspectivas e desafios futuros de uma TV universitária. **Revista USP**, São Paulo, n. 61, p. 136-145, maio 2004.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

Qual é o curso? [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal ESALQ Mídias. Disponível: <http://bit.ly/314LTgI>. Acesso em: 20 ago. 2016.

SANTORO, Luiz Fernando. [Entrevista cedida a] Valquíria Aparecida Passos Kneipp. São Paulo, 2 abr. 2016.

SILVA JUNIOR, Luiz Fernando da. **Haverá TV Pública no Brasil?** Análise da TV educativa brasileira para compreensão de rumos da TV pública. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2013.

SQUIRRA, Sebastião; FECHINE, Yvana (org.). **Televisão digital:** desafios para a comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2009.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005.

TRAJETÓRIA. [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (29 min). Publicado pelo canal TV USP. Disponível em: <http://bit.ly/2MraBE3>. Acesso em: 20 ago. 2016.

TRAQUITANA. [S. l.: s. n.], 2010. 1 vídeo (8 min). Publicado pelo canal Stevan Gonçalves. Disponível em: <http://bit.ly/2K3nWko>. Acesso em: 20 ago. 2016.

TV USP. **IPTV USP**, 2013. Disponível em: <http://bit.ly/2YF6bjC>. Acesso em: 13 set. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.